Semana Ecumênica
Promovida pelo Movimento dos Focolares

Castelgandolfo, 12 de maio de 2017

A Igreja como comunhão: um conceito que ainda deve prosperar ecumenicamente

Dom Brian Farrell

Secretário do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos

Pensar na Igreja como *comunhão* (*koinonia*) é ver a eclesiologia inseparável da espiritualidade. Nisto Chiara Lubich foi uma grande mestra. Nesta breve reflexão sou guiado pelas suas fortes palavras, extraídas de alguns dos seus discursos, sem ter a pretensão de apresentar o seu pensamento completo sobre conceitos tão importantes como a unidade dos cristãos, a unidade da família humana, a reconciliação e a reforma da Igreja.

Chiara nos lembrou muitas vezes que os primeiros passos da sua compreensão espiritual e mística das palavras do Evangelho determinaram todo o curso daquilo que ela e os seus companheiros teriam alcançado sucessivamente na própria vida e no Movimento.

Deixem-me citar algumas de suas afirmações: "O testamento de Jesus, a sua oração pela unidade, capítulo 17 do Evangelho de João: lembro que esta foi uma das primeiras páginas do Evangelho que lemos. Representou para nós um evento de grande importância. Temos ainda a lembrança viva de como, enquanto líamos uma palavra atrás da outra, cada passo parecia iluminar o passo seguinte. E agora entendemos que era como se alguém nos dissesse: "Olha, deves ainda aprender muitas coisas na escola, mas o resumo de tudo é: "Santifica-os na verdade… que todos sejam um… que tenham em si minha plena alegria… para que sejam um, como nós somos um" (*Jo*, 17, 26)… O testamento de Jesus nos pareceu ser a síntese do Evangelho. E nós o entendemos com uma consciência que poderia ser atribuída somente a uma graça especial. Penetrando nessas palavras – como Deus quis – tornou-se mais fácil para nós compreendermos o resto do Evangelho".

Desta primeira experiência, disse: "As palavras de Deus pareceram extraordinariamente novas, como se nunca as tivéssemos conhecido".

Depois de ter entrado em contato com alguns cristãos luteranos, Chiara disse: "Juntos, amando Jesus crucificado e abandonado, presente na anomalia do nosso não estar em comunhão plena invisível, nasceu entre nós uma sincera, pura e genuína fraternidade". A espiritualidade de comunhão, incluindo a comunhão com aqueles que não pertenciam à sua mesma Igreja, cresceu, não como teoria, mas sim através da experiência verdadeira e viva do amor evangélico sem limites.

Assim como Chiara e os seus companheiros sentiram a novidade da palavra evangélica nos próprios corações, mas só gradualmente entenderam as suas implicações mais completas, creio que também nós podemos dizer que, embora a doutrina da Igreja como comunhão já estivesse claramente presente no Vaticano II, só agora, depois de quase 60 anos, as implicações práticas deste conceito assumem uma forma mais definitiva na vida institucional da nossa Igreja, transformando o modo pelo qual a Igreja está presente e age no mundo.

Esta breve reflexão se intitula "A igreja como comunhão: um conceito que ainda deve prosperar", que ainda deve tornar-se mais real e eficaz na vida pessoal e coletiva dos cristãos – e sobretudo, por muitos motivos, na comunidade Católica.

Que Chiara fosse claramente consciente do enorme potencial ecumênico de uma reforma da Igreja Católica na direção de uma eclesiologia de comunhão é evidente quando concorda com uma afirmação do cardeal Willebrands de mais de 40 anos atrás. Deixem-me ler o que ela diz: "Muitos anos atrás, o cardeal Willebrands, de maneira quase profética, escreveu que "o aprofundamento e o trabalho para uma apresentação equilibrada de uma eclesiologia de comunhão é uma grande possibilidade, talvez a maior possibilidade para o ecumenismo do futuro... Creio que, em relação à reintegração das Igrejas na unidade, devemos seguir a linha desta eclesiologia que, como vimos, é muito antiga e muito atual". (Willebrands, *Address to Pro Oriente Foundation*, 3 de fevereiro de 1975: *Information Service* 101 (1999/II-III), 134-140).

Alguns meses atrás, por ocasião da reunião anual da Conferência dos Secretários das Comunhões Cristãs Mundiais – um importante encontro ecumênico que reúne os maiores representantes de aproximadamente 35 Igrejas e comunidades de caráter internacional presentes em todo mundo – praticamente todos aqueles que participaram, expressaram admiração e gratidão pelo ministério do papa Francisco. O que traz alegria aos nossos parceiros ecumênicos? Nutrem grandes esperanças de que o trabalho de reforma que o Papa assumiu na Igreja católica, tenha um papel decisivo também para as suas comunidades, e que o diálogo deles com a Igreja Católica, renovado segundo as linhas propostas pelo papa Francisco, se tornará sempre mais uma busca comum da vontade de Cristo, livre de qualquer autossuficiência ou autorreferencialismo preconcebido.

O que o papa Francisco está fazendo de tão interessante? Não é só questão do seu estilo, da sua simplicidade, retidão ou do seu pedido de humildade, de discernimento e de serviço, do seu empenho em relação aos pobres e marginalizados. Ele está introduzindo, com firmeza, elementos de uma real reforma no modo com o qual a Igreja administra a si mesma e exercita a sua missão no mundo.

Ele tem em mente uma reforma do papado e do episcopado: "Dado que sou chamado a viver aquilo que peço aos outros, devo pensar também numa conversão do papado. Compete-me, como Bispo de Roma, permanecer aberto às sugestões tendentes a um exercício do meu ministério que o torne mais fiel ao significado que Jesus Cristo pretendeu dar-lhe e às necessidades atuais da evangelização". (Evangelii Gaudium 32). Não só, mas o papa Francisco está convencido de que, como disse na comemoração do 50º aniversário do sínodo dos Bispos, em 17 outubro 2015, "Numa Igreja sinodal, também o exercício do primado petrino poderá receber maior luz. O Papa não está, sozinho, acima da Igreja; mas, dentro dela, como batizado entre batizados e, dentro do Colégio Episcopal, como bispo entre os bispos, chamado simultaneamente – como Sucessor do apóstolo Pedro – a guiar a Igreja de Roma que preside no amor a todas as Igrejas".

Quanto à Conferência Episcopal, ele escreve: "O Concílio Vaticano II afirmou que, à semelhança das antigas Igrejas patriarcais, as conferências episcopais podem «aportar uma contribuição múltipla e fecunda, para que o sentimento colegial leve a aplicações concretas». Mas este desejo não se realizou plenamente, porque ainda não foi suficientemente explicitado um estatuto das conferências episcopais que as considere como sujeitos de atribuições concretas, incluindo alguma autêntica autoridade doutrinal". (Evangelii gaudium 32).

Quanto ao papel dos bispos, o Papa os exorta, geralmente, a uma maior responsabilidade pessoal e pastoral, a uma resposta que não pode ser totalmente delegada a outros ou a estruturas impessoais. Um exemplo disso é a constituição do recente "Motu Proprio" mitis iudex dominus Iesus, sobre a reforma do Processo canônico para a causa de nulidade do matrimônio. Nesta carta, Francisco retorna a uma verdadeira chave da eclesiologia do primeiro milênio, sempre sustentada no Oriente, não sempre mantida no Ocidente, de que o bispo local, e nenhum outro, é o detentor da lei da disciplina.

Vale a pena citar o texto: "É desejável, portanto, que o próprio Bispo [...] não deixe completamente delegada aos serviços da Cúria a função judiciária em matéria matrimonial".

Na Carta Apostólica paralela, sobre as Igrejas católicas orientais, o papa descreve a figura do bispo como juiz dos aspectos espirituais: "[O bispo é], antes de mais, ministro da misericórdia divina; por conseguinte, o exercício do poder judicial é o lugar privilegiado onde o Bispo, através da aplicação dos princípios da «*oikonomia*» e da «*akribeia*», leva aos fiéis necessitados a misericórdia sanadora do Senhor".

Ainda. Francisco favorece o papel dos níveis intermediários do governo da Igreja. Não deveria terminar tudo em Roma. E escreve: "A apelação à Sé Metropolitana, enquanto ofício capital da província eclesiástica, estável ao longo dos séculos, é um sinal distintivo da [...] sinodalidade nas Igrejas Orientais, que deve ser apoiada e encorajada". Todas estas são passagens de um exercício de organismo hiper-centralizado e monárquico para uma Igreja que é uma comunhão espiritual. Nela, cada um desenvolve o próprio papel sob a lei suprema do amor, da solidariedade, da fraternidade e da responsabilidade recíproca.

No diálogo católico ortodoxo, a Comissão transcorreu mais de 10 anos para esclarecer aquilo que os católicos e os ortodoxos podem dizer juntos sobre o exercício da autoridade e da sinodalidade na vida da Igreja no primeiro milênio, quando as Igrejas do Ocidente e do Oriente ainda estavam em comunhão. A semelhança entre a visão que surgiu para esta acurada revisão teológica e histórica e a visão que o papa promove é notável.

O papa Francisco está em busca de um diverso e mais amplo equilíbrio de responsabilidade e de autoridade na Igreja – uma genuína colegialidade e sinodalidade. Quanto a isso ele afirma que os católicos têm muita coisa para aprender dos ortodoxos: "Só para dar um exemplo, no diálogo com os irmãos ortodoxos, nós, os católicos, temos a possibilidade de aprender algo mais sobre o significado da colegialidade episcopal e sobre a sua experiência da sinodalidade".(*Evangelii Gaudium* 246)
Em síntese, 50 anos depois do Concílio, os aspectos fundamentais da visão do Concílio sobre a Igreja como comunhão vêm reapresentados como uma reforma que não pode mais ser adiada. É importante notar que o papa Francisco não está pressionando a realização de uma novidade revolucionária, mas a reapropriação de alguns valores dinâmicos que pertencem de maneira

evolutiva à essência da Igreja como comunhão e comunidade, sinodalidade e colegialidade, discernimento pastoral e respeito pelas estruturas intermediárias.

Da sua parte, o mundo ecumênico está convencido de que esta forma de reforma da Igreja Católica seja uma fonte importante de esperança para o ecumenismo no século XXI, em particular pela restauração da comunhão com o Oriente. O papa Francisco mesmo disse a uma delegação do patriarcado de Constantinopla, em 27 junho 2015: " O exame atento do modo como se entrelaçam na vida da Igreja o princípio da sinodalidade e o serviço daquele que lhe preside oferecerá uma contribuição significativa para o progresso das relações entre as nossas Igrejas".
A Igreja Católica pode legitimamente aspirar a ser a principal promotora da unidade de todos os discípulos de Cristo, com a condição de que a Igreja encontre a coragem de se renovar em harmonia com os princípios eclesiológicos válidos no primeiro milênio, desapegando-se de elementos estreitamente ligados a certas noções políticas, jurídicas e seculares que emergem fortemente no segundo milênio no Ocidente. Uma reforma similar tão essencial para a causa da unidade cristã, não pode ser empreendida seriamente por uma Igreja isolacionista e auto referencial. Pode ser implementada só por uma Igreja humilde e em oração, uma Igreja que, sem medo, esforça-se para viver segundo os objetivos do Senhor, incluindo aquela suprema intenção devotamente dirigida ao Pai na última ceia: "que todos sejam um … que o mundo possa crer que tu me mandaste".

Em um encontro com Chiara, Konrad Raiser, ex-secretário do Conselho Mundial de Igrejas, declarou, magnificamente, qual deveria ser o nosso comportamento e a nossa ação ecumênica nesta fase atual: "Nossa busca pela unidade não é um esforço para construir um edifício, ao contrário, é um processo de despojamento, de esvaziamento de nós mesmos, de tudo aquilo que nos separa de Cristo e dos outros". Justamente porque a eclesiologia de comunhão não é possível sem a espiritualidade de comunhão. O Movimento dos Focolares ocupa de verdade um lugar providencial no coração daquilo que o espírito de Deus diz às Igrejas neste tempo histórico de transformação. Chiara nos exorta: "Portanto, devemos nos tratar uns aos outros como irmãos e irmãs; temos necessidade da comunhão, da solidariedade, da partilha … devemos ver uma grande fraternidade levantar-se no mundo e, dado que o problema é universal, uma fraternidade universal".
Portanto, no Movimento, a espiritualidade de comunhão é também uma eclesiologia de comunhão. Como nos exorta Chiara: "É nossa convicção que também as Igrejas devam amar-se umas as outras com este amor. E nós nos esforçamos para trabalhar nesta direção". (*ibid.,* P. 42).

Original em Inglês.